

ENTREVISTA

AUDIOVISUALIDADES: o espaço e suas múltiplas mídias, entrevista com o Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior

Entrevista concedida à
Luana Barros de Azevedo¹
Fabiana Alves Dantas²

Entrevista recebida em: 25/09/2023.
Aceita em: 22/10/2023.

Espacialidades: Professor Lourival Andrade Junior, gostaríamos de iniciar esta entrevista dizendo que é um imenso prazer contar com a sua participação em um dos volumes da Espacialidades. E, para dar início, gostaríamos de apresentar um pouco da sua formação acadêmica e profissional de Andrade Júnior no mundo da História e do Teatro.

“Possui Graduação em História pela Universidade do Vale do Itajaí (1993), Especialização em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná (1995), Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000), Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Pós Doutorado no Programa de Pós Graduação em História Social na Universidade Estadual de Londrina (2016). Também é diretor e ator de teatro e audiovisual, já tendo recebido diversos prêmios no Brasil. É diretor e dramaturgo da Trapiá Cia Teatral e roteirista e diretor da

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Secretária da Revista Espacialidades. Membro do Grupo de Pesquisa: Teoria da História, Historiografia e História dos Espaços. E-mail: luanaabarrosss@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1456176555770940>.

² Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do corpo editorial da Revista Espacialidades. E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3501097795127741>.

Trapiá Filmes. Atualmente é Professor Associado IV do Departamento de História (DHC) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. É docente do Programa de Pós-Graduação em História do CERES - PPGHC-UFRN (Mestrado em História dos Sertões). É membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões (UFRN/CERES). Integra o GT História: Religiosidade e Cultura/UFSC, o GT História das Religiões e Religiosidades/ANPUH-BR e é Editor de Seção da Revista Eletrônica de Humanidades - MNEME. Também é sócio da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais). Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Culturas dos/nos Sertões, Dramaturgia Teatral, catolicismo não oficial (milagreiros), cemitérios e túmulos, povos ciganos e Umbanda”³.

Espacialidades: De forma geral, como o sr. enxerga o entrecruzamento entre história e produção artística nos espaços multimidiáticos? Há a utilização desses meios como forma de manipulação do fazer/contar história?

LOURIVAL: Eu acredito que a História e a Arte sempre andaram muito juntas, na verdade, nos separaram, porque ao longo da história podemos perceber vários momentos em que essa relação híbrida entre História e Arte foi muito potente. Acredito muito que é possível contar histórias, as mais diversas, a partir de um olhar não acadêmico, um olhar artístico, um olhar sensível, acredito muito nisso.

Obviamente que qualquer arte, qualquer linguagem artística, ou produção humana sempre será carregada de ideologia, não é? A escolha de determinados temas para se contar também passa pelo crivo ideológico, então, obviamente o que muitas produções tentam, de forma mais ou menos direta, é colocar dentro de uma criação artística ou cinematográfica uma ideia, um ponto de vista, uma crítica, uma mea-culpa – como tem ocorrido muito no cinema norte americano; é possível uma manipulação, mas também é possível uma reflexão, e acredito que aí está efetivamente a importância da História, também estar nesses espaços midiáticos e nessas produções artísticas.

³ Informações do autor que constam no Currículo Lattes. Disponível em: ID Lattes: 2227836576507822. Acesso em: 07/08/2023.

Acredito muito que o audiovisual, sobretudo, tem uma abrangência tão amplificadora daquilo que a gente pesquisa e se propõe a dedicar anos de nossas vidas em artigos, entrevistas, referências e que muitas vezes não chegam ao grande público; acho que o audiovisual tem essa potência, de levar para muitas pessoas aquilo que nós historiadores e historiadoras pesquisamos ao longo de nossas vidas.

Espacialidades: Vivemos um momento de debate sobre o impacto da inteligência artificial em diversas áreas. No âmbito da pesquisa histórica com fontes audiovisuais, quais impactos essa tecnologia pode ocasionar em historiadores que, futuramente, lidem com fontes produzidas com uso dela?

LOURIVAL: A inteligência artificial nunca me assustou e não me assusta. Eu acho que ela tem que ser encarada por nós, historiadores e historiadoras, da mesma forma que a gente encara qualquer tipo de fonte. O importante, na minha avaliação, para qualquer tipo de pesquisa ou de abordagem, nas fontes, são as perguntas. Que perguntas eu vou fazer para determinada fonte? Então, se eu tiver os cuidados metodológicos de me aproximar da fonte e fazer perguntas adequadas para ela, eu tenho certeza de que a inteligência artificial pode, em muitos casos, até agregar muito. O que me parece fundamental é a gente nunca perder o rigor em relação à fonte. Se a gente banalizar a fonte, banalizar o fazer histórico, banalizar as perguntas que nós fazemos às fontes, se tornará perigoso. Por isso, não me assusta a inteligência artificial. Eu acho que fica aí pra nós uma grande demanda, não é? Para novos tempos, talvez, novas perguntas. Para novas tecnologias, novas perguntas.

Espacialidades: Para historiadores iniciantes que desejam começar a trabalhar com fontes audiovisuais, o que você indica como os principais aspectos para se dar atenção, do ponto de vista metodológico?

LOURIVAL: Para quem vai iniciar a pesquisa utilizando fontes audiovisuais e até mesmo para aqueles que já usam essa fonte há mais tempo, é muito importante a gente estabelecer que uma obra fílmica é uma obra ficcional. Isso é muito importante. Não a tomar como uma verdade, mas como um ponto de vista. Um

ponto de vista do diretor, um ponto de vista do roteirista, um ponto de vista do editor, do montador do filme, do produtor, todos estes profissionais são peças fundamentais na engrenagem de um filme e naquilo que vamos assistir. Muitas vezes o filme toma uma dimensão X ou Y por conta da montagem e não por conta da direção. Os atores que estão ali colocados, a produção, quem são os produtores? Então, do ponto de vista metodológico é também fazer as perguntas a tudo isso... Quem é o produtor? Quem é o diretor? Quem é o roteirista? Que outros trabalhos eles fizeram? O que dá para perceber de uma linguagem entre essas obras? Quais os fatores ideológicos que levam a confecção dessa obra? Não apenas uma obra mercadológica, mas também uma obra que vai passar um determinado discurso. Então a ideia me parece sempre - retornando inclusive à resposta anterior - é a pergunta que nós vamos fazer para essa fonte. É muito importante que nós tenhamos noção de quando analisarmos uma obra fílmica precisamos estabelecer alguns critérios. Então... eu vou analisar uma obra fílmica pelo roteiro que ela me propõe, eu vou analisar a partir da direção, a partir da ideia da fotografia do filme... São várias possibilidades. Você pode fazer um combo de tudo isso e analisar o filme de forma mais geral ou então você pode fazer algumas escolhas. Pegar determinados roteiristas e traçar uma trajetória de produção de escrita, não é? Porque o roteiro é escrito, o roteiro não é o cinema ainda, o cinema é só quando ele for produzido efetivamente e for para as telas. Então é possível fazer essa trajetória do roteiro. O que eu acho extremamente importante. Eu acho que, inclusive, o historiador pode se sentir mais seguro tendo o roteiro para analisar uma obra fílmica e muitas vezes o roteiro original do filme não é a obra final, o filme que vai para as telas. Ela se altera com o tempo na mão do diretor e estando na mão do editor, do montador e até do produtor, não é? O que acaba interferindo na obra final. Então são várias questões que podem ser analisadas a partir disso. E repito, de forma novamente bastante contundente, é importante quando se vai fazer uma análise fílmica estabelecer o que eu quero saber sobre ela? O que me interessa discutir nessa obra? Quais os pontos que eu vou atacar nessa obra? E aí me parece que fica mais tranquilo para nós,

historiadores, caminharmos nesse universo do audiovisual que ainda, do ponto de vista das fontes, é muito recente pra nossa área.

Espacialidades: Quais os erros mais comuns podem ser cometidos ao utilizar como meio as audiovisuais e suas múltiplas mídias?

LOURIVAL: Eu acho que o erro mais recorrente ao analisar uma obra fílmica é não ter a percepção que aquilo é uma obra de arte. Um filme, tal como um documentário ou animação, são obras artísticas, todas passam pelo crivo sensível daqueles que produzem. Então, isso deve ser levando muito em consideração: não tomar uma obra fílmica como uma verdade, mas como um ponto de inflexão, um ponto de reflexão e não como uma obra fechada. Diferente do teatro, devido a sua efêmera produção final, o cinema não apresenta tal característica, mas, mesmo assim, ambas devem ser encaradas como obras sempre abertas. É importante perceber que o filme ou uma produção artística só se finaliza com um receptor, enquanto ela não tiver um receptor, ou seja, ela não tiver quem assista, ela ainda não está completa. É importante perceber isso, entender essa obra como documento, mas também como uma obra de arte daqueles que produziram. Quero deixar bem claro, que independente de ser uma obra de arte é uma fonte absolutamente privilegiada para nossa área.

Espacialidades: Como seus projetos artísticos, desenvolvidos dentro e fora da academia, influenciam seu trabalho como historiador?

LOURIVAL: Uma coisa influencia a outra. Eu acho que a História influencia meus trabalhos artísticos e a arte influencia aquilo que eu produzo na História. Nos últimos anos, por exemplo, eu tenho me dedicado muito ao estudo dos sertões, por conta do nosso Programa de Pós-graduação, e isso se reflete muito na minha produção artística. Quer dizer, os filmes que eu produzi nesses últimos anos de 2018 para cá, têm o sertão como tema. Todos eles, sem exceção. O sertão faz parte, não somente como cenário, mas como personagem dentro da linguagem do audiovisual. Da mesma forma é o teatro. As peças todas que eu dirigi de 2015 até agora, 2023,

têm o sertão muito profundo dentro das suas análises. Então eu creio muito que uma coisa influencia a outra. Eu não consigo ser somente historiador e nem consigo ser somente um artista de cinema, um artista de teatro. Eu sou essas duas coisas e levo minhas vivências de uma para a outra. História para a arte e arte para a História. E, claro, isso tem muito a ver também, obviamente, com meu processo de formação, sobretudo quando cheguei aqui no Seridó, no Rio Grande do Norte, onde me deparei com esse sertão extremamente rico, não é? De histórias, de memórias, de linguagens, de estéticas. E isso, obviamente, me impactou profundamente. O cordel, as cantorias, a religiosidade não oficial, a beleza da paisagem. Tudo isso, obviamente vai, de certa forma, influenciar aquilo que eu produzo. O meu olhar, a minha vivência nesse sertão, tem sido bastante importante, tanto na minha produção acadêmica, quanto na minha produção artística, então, eu não consigo separar uma coisa da outra. O Lourival é o historiador e é o diretor, roteirista, dramaturgo, diretor de teatro, diretor de cinema. Eu acho que as duas coisas estão juntas e me parece que, para mim, elas são fundamentais juntas. Eu conto histórias. Eu digo sempre que eu sou um contador de histórias e faço essa contação de História, de histórias, nas minhas aulas, nos meus textos, que eu tento, cada vez mais, deixar o mais palatável para o grande público, e, também, na minha produção artística. Então, eu acredito muito nisso: que é preciso que a nossa produção chegue para todas as pessoas, chegue para o maior número de pessoas. E o caminho que eu encontrei de forma mais direta, mais imediata, mais profícua, foi a produção artística. Tanto o teatro quanto o audiovisual.

Espacialidades: Há diferença nas emoções que o fazer/pesquisar História, teatro, cinema e/ou documentário te desperta? Quais?

LOURIVAL: As emoções são sempre muito múltiplas. Eu, como diretor de teatro e cinema, gosto muito do processo, já que se trata de um roteiro, texto teatral. O que eu mais amo, no teatro e no cinema, é o ensaio, o processo, é estar no set, pensando aquilo. Mesmo que esteja no roteiro, quando se chega no set, é outra realidade. Do mesmo jeito é na (produção) história: quando está na teoria é uma

coisa; quando vai a campo, é outra. O trabalho de campo é uma realidade muito diferente. Por isso que eu acho que são emoções muito próximas.

Nós precisamos estar muito atentos para que a atividade possa suprir as necessidades que aparecem, e as dificuldades que aparecem, no momento da produção do teatro e cinema, como na produção historiográfica. Essa atenção me parece fundamental: são emoções muito vibrantes. Sair de um momento de duas, três, quatro horas de ensaio; sair do set, começar às 5h da manhã e ir até a noite, filmando... Ou, às vezes, produzir um artigo... Estar no campo, pesquisando, ou então em um arquivo, ou qualquer lugar que tenha uma fonte de interesse, é extremamente estimulante e emocionante.

Então, para mim, são emoções muito próximas. Eu vivo muito isso, intensamente: tanto o teatro e o cinema, como a História, e elas são emoções que, para mim, se complementam. Elas não são divergentes, nem separadas. Elas se juntam o tempo inteiro. E, nesse aspecto, são verdadeiras explosões de emoção, tanto na produção artística, quanto no fazer/lidar diário da História, da artesanaria do fazer histórico. Eu acho isso muito emocionante!

Espacialidades: Um recado final para nossos leitores, que envolva: Pesquisa, educação, política e arte.

LOURIVAL: O importante em tudo que se faz é se fazer com muita paixão. E no meu caso isso é muito visível, quem me conhece sabe disso. Eu faço com muita paixão tanto teatro, quanto cinema, quanto a História. Eu gosto de dar aula, eu gosto de pesquisar e tudo isso é um ato político. Você produzir um filme com as condições tão difíceis que a gente tem de produzir aqui no Brasil e aqui no Rio Grande do Norte, sobretudo. Você montar um espetáculo teatral com poucos recursos, com poucas condições técnicas e espaços adequados, por exemplo, para montagem do espetáculo teatral que requer muitas questões ligadas a uma caixa cênica adequada. É muito desafiador isso tudo. Então fazer isso é um ato político da mesma forma que pesquisar determinados temas que não são muito interessantes,

inclusive para uma ala conservadora da história. Falar dos milagreiros de cemitério, dos milagreiros de rua, falar das religiões afro-brasileiras, falar dos ciganos, falar dos cordelistas, falar de dramaturgias, falar dessa produção da cultura popular, temas estes que estão diretamente ligados à área que eu atuo dentro da história, eu também acho um ato político. É dar lugar, dar um foco. E para usar uma linguagem teatral: o foco, que é jogar a luz, jogar o foco para essas pessoas, para esses discursos, para essas chamadas minorias, me parece também um ato político. Então tanto arte quanto fazer História são atos políticos e que bom se a gente conseguisse fazer com que tudo isso que é produzido pela arte e pela História chegasse de forma adequada e potente na educação. Eu acredito muito que a educação e a arte podem mudar a vida das pessoas, podem mudar o mundo. Acredito muito nisso. Então se a gente conseguisse fazer chegar a todas as pessoas através das artes e sobretudo chegar nas escolas, chegar nas crianças, jovens e adolescentes em formação me parece estaríamos dando um salto de qualidade profunda na formação de cidadãos, que vão buscar o mundo mais igualitário, mais justo, mais democrático, menos preconceituoso. Parece-me que a educação, a arte e a História podem contribuir de forma significativa para um mundo muito melhor.